

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

142

Campinas: a arte brasileira em debate

* A explosão criativa dos anos 60 segue-se nesta primeira metade da atual década um recuo que é ao mesmo tempo reflexivo e tático. Lá fora como aqui, no Brasil. A introdução do *Objeto* nos salões, abrindo caminho para manifestações de arte povera-conceitual-comportamental etc., desarrumou a frágil estrutura desses mesmos salões. Por outro lado, devido à ausência de critérios objetivos, passou a se aceitar tudo o que vinha com o rótulo de vanguarda. Assim, passamos a ver, nos salões, um novo tipo de arte ingênua — a arte conceitual sem conceito, a arte tecnológica primária, múltiplos artesanais, afora, naturalmente, a mais descarada diluição de modelos importados. Enquanto isso, do lado de fora dos salões, em diferentes auditórios, principalmente no Rio, teve início um debate sobre os problemas culturais brasileiros. Debate que se não for orientado objetivamente tenderá a tornar-se inócuo e/ou festivo. Não é preciso dizer que a Bienal mantém-se alheia a todas estas questões. Por tudo isso, a realização do 10º Salão de Campinas, a partir de 7 de novembro vindouro, assume particular importância.

A comissão organizadora do Salão, constituída por Aline Figueiredo, Aracy Amaral e este colunista, primeiramente considerou a "gravidade da função da crítica, que não é meramente judicativa, mas intervém no processo cultural, através de reflexões que podem gerar alternativas e opções renovadoras". Em seguida debateu a situação geral dos salões de arte no Brasil, evitando propor a usual concorrência livre de participantes, através de uma rotina de regulamentos. Suprimido o lado competitivo, a comissão considerou várias propostas de seus componentes, entre outras, o reexame da problemática da pintura e da escultura e das contribuições regionais no Brasil, acabando, entretanto, por se fixar na seguinte sugestão: colocar em exposição e debate a obra de doze artistas brasileiros que tivessem como característica comum o possuir uma obra — o fazer artístico, e por terem consequentemente, o que comunicar, num depoimento e em debate/seminário com o público.

Foram convidados doze artistas (Amílcar de Castro, de Minas Gerais, Antonio Henrique Amaral, Mário Bueno, Mira Schendell, Nelson Leirner e Tomie Otahe, de São Paulo, Humberto Espindola, de Mato Grosso, João Câmara Filho, de Pernambuco, Rubem Valentim, de Brasília, Franz Weissmann, Sérgio Camargo e Maria Leontina, do Rio), os quais remeterão para o Salão, 40 diapositivos coloridos cobrindo as diferentes épocas e fases de seu trabalho e um depoimento de três laudas. Cada artista

terá um painel sobre o qual serão projetados continuamente os slides, a imagem confrontada com uma obra sua, colocada ao lado. Os depoimentos, gravados em fita, serão publicados em um catálogo devidamente ilustrado e com informações bio-bibliográficas. Nos três primeiros dias de vigência do Salão, ou seja, de sexta-feira 7 a domingo 9, os doze artistas estarão em Campinas, debatendo com o público e a comissão organizadora questões relativas ao seu próprio trabalho e à arte brasileira. Encerrada a fase de debates (e o Museu de Campinas se esforçará por atrair o maior número possível de artistas jovens, estudantes de belas- artes e universitários, inclusive de outros Estados), os slides continuarão sendo projetados. A documentação, considerada acervo do Museu, em seguida ao encerramento do Salão, circulará por várias universidades e instituições culturais do interior de São Paulo e de outros Estados. Já está prevista, por exemplo, a apresentação de todo material, no Museu de Arte Moderna do Rio, em janeiro de 76.

Na escolha dos nomes cogitou-se, em primeiro lugar, de reunir artistas com obra em plena maturidade, obras que caracterizem pela atualidade no contexto brasileiro uma abrangência em termos territoriais, assim como a diversidade das tendências vigentes.



Escultura de
Sérgio Camargo.
O artista será um dos
participantes do
Salão de Campinas.